

American Sniper

Diretor: Clint EASTWOOD¹

Sniper americano: dramáticas da atividade

Iara Mola

Enquanto uma tropa de soldados norte-americanos invade uma casa à procura daqueles a quem denomina “rebeldes”, um atirador de elite das forças especiais da marinha americana, posicionado sob um telhado e atento ao menor movimento no entorno, acompanha quando um cidadão iraquiano aparentemente comum realiza um telefonema numa laje e, na sequência, uma mulher e um menino saem da residência e caminham em direção ao comboio dos militares. Tendo comunicado a ocorrência aos seus superiores, o franco-atirador observa que a mulher não movimenta os braços e suspeita de que ela esteja carregando alguma coisa, o que se verifica em questão de segundos: sob sua posse estava uma granada russa RKG, que a mulher retira debaixo do seu chador e repassa ao menino, que sai correndo para atirá-la na direção dos soldados.

Com o dedo no gatilho do seu fuzil e mantendo em mira o garoto – que não parecia ter mais do que 12 anos de idade –, o atirador pergunta aos superiores se estes confirmam aquilo que ele mesmo já visualizava, ao que o seu interlocutor imediato responde: “*Negativo. Sabe quais são as normas. Você decide*”. Do seu lado, tendo ouvido a resposta que lhe foi dada, o soldado que o acompanha adverte-o: “*Vão acabar com você, se você estiver errado. Vão te mandar pra Leavenworth*”.

¹ Estados Unidos, 2014. Filme de 2h13min.

A respiração do atirador se torna mais sôfrega sob aquela tensão. A decisão de efetuar ou não o disparo competia-lhe em caráter exclusivo. Escolher entre tirar a vida de um garoto e salvar a vida dos companheiros de atividade era um poder que se encontrava em suas mãos. Literalmente.

A cena acima reproduzida corresponde aos quase três minutos e meio iniciais do aclamado filme *Sniper Americano* (em inglês, *American Sniper*), escrito por Jason Hall a partir da autobiografia intitulada *American Sniper: the autobiography of the most lethal sniper in U.S. Military History*, e dirigido por Clint Eastwood. Lançado em 2014 pela Warner Bros, o drama retrata a história daquele que se autorreferenciou “o atirador de elite mais letal da história militar americana”: Chris Kyle (interpretado por Bradley Cooper), integrante do *Seal* (unidade de elite da marinha americana) que recebeu a alcunha de “Lenda” e ao qual é atribuída a morte de 255 pessoas ao longo dos dez anos em que foi chefe do pelotão *Charlie*, terceiro grupo da força Seal. Oficialmente, o Pentágono confirma 150 dessas mortes; independentemente, porém, de qual desses números corresponda à realidade, o fato é que ambos representam um recorde para um único oficial.

Em meio à tensão dos primeiros minutos do longa, eis que se ouve o estampido de um tiro; entretanto, a dramatização do evento no Iraque é colocada em suspenso para dar lugar ao disparo efetuado por Kyle quando, ainda menino (aparentemente, como se tivesse a mesma idade do garoto que é representado carregando consigo a granada russa), ele saiu para caçar na companhia do pai, para quem o filho “tinha dom” e, um dia, se tornaria “um grande caçador”.

Anos mais tarde e já adulto, enquanto faz planos com o seu irmão mais novo a respeito da sua atuação como caubói, uma reportagem especial chama atenção de Chris na tevê: as embaixadas dos Estados Unidos na África tinham acabado de sofrer ataques terroristas. Nas palavras do locutor da reportagem, as explosões – ocorridas em agosto de 1998 – foram “claramente parte de uma guerra contra os Estados Unidos”. Impactado pelas imagens e pelo número de mortos e feridos, o jovem de 24 anos se pergunta: “*O que fizeram com a gente?*” e, já no dia seguinte, impulsionado pelo desejo de ajudar

seu país, o texano se dirige ao centro de carreira das forças armadas, onde lhe é apresentada “a elite dos guerreiros” – o Seal.

Antes de partir para a escola de snipers, Chris conhece sua futura esposa, Taya (interpretada por Sienna Miller), com a qual, em sua primeira interação, argumenta que daria a própria vida pelos Estados Unidos (“o melhor país da Terra”). O que se segue no filme desde a inscrição do ex-caubói nas forças armadas retrata precisamente os esforços que o futuro “Lenda” engendra para assegurar essa proteção. Assim, os valores que o personagem mobiliza para realizar sua atividade de trabalho vão sendo explicitados desde o começo desse drama biográfico, remontando primeiramente à figura do pai, depois incorporando o discurso religioso e, nas cenas seguintes, estabelecendo os acontecimentos que, se não explicam objetivamente as escolhas do protagonista, validam-nas.

A propósito dessa “validação”, aliás, variam os posicionamentos da crítica no que concerne à figura de Kyle como sendo ou não heroica – seria ele o “lobo”, a “ovelha” ou o (cão) “pastor”? A pergunta vem a calhar, uma vez que, ainda nos primeiros seis minutos do filme, quando Chris ganha a aprovação do pai por ter defendido o irmão mais novo numa briga, devolvendo a agressão ao agressor, o genitor chega ao final da sua explanação concluindo que o filho mais velho já sabe quem ele é, “qual é o seu propósito”. Isto porque, alguns instantes atrás, durante a refeição, o pai adverte que na sua família não está sendo criada “nenhuma ovelha”, em referência ao tipo de pessoa que prefere acreditar que não existe nenhum mal no mundo e que, ainda que se deparasse com ele, não saberia o que fazer. Os “predadores” (“lobos”) corresponderiam aos “que usam a violência para vitimizar os fracos”, ao passo que os “pastores” seriam aqueles “que foram abençoados com o dom da agressão, com a necessidade avassaladora de proteger o rebanho”. Estes “são de uma raça rara e vivem para confrontar os lobos”.

O propósito de Kyle, portanto, consistiria na sua “necessidade avassaladora de proteger o rebanho”, de modo que, à parte as apreciações acerca da sua atividade de trabalho como atirador de elite e independentemente de se inferir que o filme legitime ou não todas as ações que também impactaram profundamente o território iraquiano, o fato é que, conforme o próprio drama leva a crer, os valores –

individuais e coletivos – que norteariam as escolhas de Chris Kyle já estavam instituídos. E “nenhuma escolha é o produto do aleatório” (Schwartz, 2011, p. 141).

O casamento do senhor e da senhora Kyle ocorre ainda durante o treinamento do marido no *Seal*. Antes do consórcio, no entanto, o casal assiste junto às imagens televisionadas do ataque às torres gêmeas, em setembro de 2001. Trata-se, sem dúvida, de um novo episódio decisivo para a potencialização do patriotismo de Kyle e para os desdobramentos do seu exercício profissional. E é durante a celebração do próprio matrimônio que o noivo toma ciência de que é chegada a hora de ir para a guerra.

Em sua primeira viagem ao Iraque, a cidade de Faluja é apresentada ao franco-atirador e aos demais soldados como “o novo velho oeste do velho Oriente Médio”, lugar cujas fronteiras estariam sendo invadidas por extremistas do mundo todo interessados na oferta anunciada pela Al Qaeda pela “cabeça” de cada soldado norte-americano. Faluja teria sido evacuada, e os militares foram advertidos de que qualquer homem em idade militar que ainda permanecesse no local estaria lá para matá-los. E, muito embora a mulher e o garoto mencionados inicialmente contradissem a notícia da evacuação e não pudessem ser tomados como “homem em idade militar”, eis que eles lá se apresentavam para um ataque e que, agora, pouco antes dos 30 minutos do filme, esse acontecimento seria contextualizado para receber seu desfecho.

A decisão estava nas mãos de Kyle. Parafrazeando-se Yves Schwartz (Schwartz; Durrive, 2007, p. 192), era preciso que ele escolhesse, visto que as imposições ou as instruções lhe eram insuficientes. Era necessário que ele atribuísse a si próprio leis para dar conta do que faltava, e o sniper americano preencheu a seu próprio modo a lacuna existente, da qual talvez tenha decorrido a primeira dramática do seu uso de si como atirador (e, aqui, dramática do uso de si como um conceito que se amplia para além da ideia comum de “conflito”, uma vez que abrange as micro e macrogestões que cada um tem de fazer para gerenciar o uso de si por si, o uso de si pelo outro, etc.): ele escolheu atirar contra a mulher e o garoto, tomando uma “sábia decisão” pela qual seus superiores o parabenizaram

imediatamente, não obstante a consternação denotada pelo protagonista por “ter feito o seu trabalho”.

Em contato com o seu colega de acampamento momentos mais tarde, Chris desabafa: “*Só não pensei que a minha primeira morte fosse assim*”, numa fala que, conforme Schwartz (Schwartz; Durrive, 2007), ilustra uma primeira característica relativa a toda a atividade humana: a distância universal entre o prescrito e o realizado e, mais uma vez, a insuficiência das normas. Além disso, no que concerne às dramáticas dos usos de si, sabe-se que, se por um lado “são fontes de eficácia”, a verdade é que, por outro, também “*têm um preço para as pessoas e os grupos e são inseparáveis de certos valores de vida e de saúde, de tal modo que não se pode, sem consequências, mergulhá-las com entusiasmo na invisibilidade*” (Schwartz, 2011, p. 134-135). Chris Kyle pagava o seu próprio “preço” por elas e, ao tomá-lo por cônjuge, Taya assim também o fazia, de modo que, em pouquíssimo tempo, os efeitos das escolhas do atirador de elite se estenderiam para além do seu ofício em si e passariam a impactar na sua relação com a própria mulher.

De volta à sua vida pessoal, tendo experimentado a sua primeira imersão na guerra, Chris demonstra alguma dificuldade para se adaptar à rotina doméstica, sendo essa uma dificuldade da qual se pode depreender a sobreposição dos seus valores coletivos aos individuais: após o acompanhamento da esposa a um exame de ultrassonografia, ele justifica o estranhamento dela em relação ao comportamento dele: “[...] *Tem uma guerra rolando, tem gente morrendo, e ninguém tá falando sobre isso. É como se não tivesse acontecendo. Estamos com nossos os celulares, vivendo nossas vidas superficiais; não tem nada nem nos jornais. Ninguém tá nem aí. Tem uma guerra acontecendo e eu tô indo pro shopping. Eu não devia tá aqui; eu devia tá lá*”. E para “lá” ele retornaria – não apenas uma, mas mais três vezes.

Em sua segunda viagem ao Iraque, o sniper foi promovido a suboficial, e sua atenção se concentrava em montar um pelotão de ação direta para “caçar o açougueiro”, isto é, para “capturar” Zarqawi, um militante jordaniano que, no drama, era financiado e treinado pelo Bin Laden, a quem era leal. A alcunha de “açougueiro” se devia à sua “técnica” de torturar pessoas, valendo-se, para isso, de uma furadeira –

algo que Kyle tivera a oportunidade de presenciar em sua primeira estada naquele país. Também conhecido como “príncipe da Al Qaeda no Iraque”, Zarqawi comandava um exército de cinco mil soldados bem treinados e bem pagos que, até aquele momento, estava promovendo o maior ataque urbano desde a Guerra do Vietnã. Nesse exército é que se encontrava Mustafa, um sniper dos “rebeldes” cuja repercussão se dava por conta da sua participação nas Olimpíadas e pelos tiros certos. Assim como o “príncipe da Al Qaeda no Iraque”, Mustafa se tornaria um “inimigo particular” para aquele atirador. O “acerto de contas”, porém, ainda não se efetivaria naquela viagem.

De volta ao lar, antes da sua terceira ida ao Iraque, Chris pôde acompanhar o nascimento da sua filha, o segundo bebê do casal. Já em casa, ressentida com a presença de um companheiro ausente, cuja mente estava em outro lugar, Taya desabafa que odeia os “seals” por isso: porque, apesar de aquele ser o seu marido e o pai dos seus filhos, eram eles – seals – quem sempre tinha prioridade. Nesse momento, a propósito, os valores do protagonista manifestam-se novamente: “*É, mas eles não podem esperar; nós podemos*”.

Em sua terceira expedição, o confronto direto entre Kyle e Mustafa ainda se intensificaria, após o sniper sírio atirar num soldado a quem o texano se dirigia como “amigão” e que o tomava como “irmão”. Aquele era o primeiro seal a ser atingido e, se ainda criança, o (cão) “pastor” devolvera a agressão ao agressor para fazer justiça ao irmão menor, agora, a “Lenda” estava decidida a vingar o amigo, ainda que isso não apenas não tenha impedido a morte desse soldado, como também tenha causado o assassinato de outro. Todavia, de volta aos Estados Unidos, depois de ter acompanhado o enterro do segundo seal atingido e sem prever o desfecho em relação ao ferimento do primeiro, Kyle visita o seu “amigão” no hospital e o avisa de que ele e os companheiros retornarão mais uma vez ao Iraque: “*Vamos caçá-los e encurralá-los*”. Deitado no leito, seu interlocutor pondera, meneando a cabeça: “*Qual é, não tem que fazer isso, cara!*”, ao que o franco-atirador responde, convicto: “*Nós temos que fazer isso. Você é meu irmão, e eles vão pagar pelo que fizeram com você*”.

Quando se referia à “caça” que ele e seu pelotão engendrariam, é certo que, mais uma vez, Kyle não podia prever todas as condições em que ela se efetivaria, tampouco todos os riscos

envolvidos, tanto quanto era incapaz de prever as formas com que a sua própria atuação o afetaria. Não obstante, ele seguiu. De acordo com Schwartz e Durrive :

[...] Não há outro jeito, sempre é necessário fazer escolhas. Se fazemos escolhas, por um lado elas são feitas em função de valores – mas, por outro, essas escolhas são um risco, já que é preciso suprir os ‘vazios de normas’, as deficiências de orientações, de conselhos, de experiências adquiridas, registradas nas regras ou nos procedimentos. Portanto: sim, corremos riscos. Antecipamos soluções possíveis sabendo que efetivamente há o risco de falhar, de criar dificuldades novas, de desagradar... E ao mesmo tempo, escolhe-se a si mesmo. Encontramo-nos em uma situação que não tem antecedente estrito senso. Escolher essa ou aquela opção, essa ou aquela hipótese, é uma maneira de se escolher a si mesmo – e em seguida de ter que assumir as consequências de suas escolhas (2007, p. 193).

Ao escolher retornar ao Iraque pela última e – possivelmente – mais tensa vez, para exigir um “pagamento” pelo ferimento que os “rebeldes” impuseram ao seu amigo, Chris Kyle escolhia a si mesmo, escolhia ao que se lhe estabelecera desde menino, alimentando o “pastor dentro de si”. Seu pai, afinal, dera-lhe “permissão” para “resolver” qualquer situação em que alguém tentasse “intimidar o seu irmão novo”. E, para Chris, o valor da proteção que lhe cabia se estendia para todos aqueles a quem considerasse irmãos.

Referências

SCHWARTZ, Y. (2011) Manifesto por um ergoengajamento. In: BENDASSOLLI, Pedro F.; SOBOLL, Lis A. (Orgs.). *Clínicas do Trabalho*. São Paulo: Atlas, p. 132-166.

SCHWARTZ, Y.; DURRIVE, L. (Orgs.) (2007) *Trabalho e Ergologia: conversas sobre a atividade humana*. Tradução Jussara Britto e Milton Athayde... [et al]. Niterói: EdUFF.